

## ESTEREOTIPIA DE CORPOS E DESENHO ANIMADO

CARLA BORGES DE ANDRADE

JULIANO DOS SANTOS.

Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia – Brasil.

[carlabajs@hotmail.com](mailto:carlabajs@hotmail.com)

Este estudo objetivou analisar seis desenhos animados veiculados durante os anos 80-90, a fim de perceber se a estereotipia de corpos estabelecida em suas personagens interferiu de alguma maneira sobre a formação da imagem corporal de seus telespectadores. Assim sendo, o estudo desenvolveu-se sob a abordagem qualitativa utilizando-se da pesquisa bibliográfica, bem como primou pela descrição das imagens das referidas personagens, atribuindo-lhes significados. Nesse ínterim, o estudo buscou responder aos seguintes questionamentos: a imagem corporal das personagens dos desenhos animados selecionados (He-Man, She-Ra, A Caverna do Dragão, Thundercats, Super-Amigos e Popeye), de alguma forma, interferiu na formação da imagem corporal dos seus telespectadores? Quais características compunham a estereotipia corporal das personagens analisadas?

Na tentativa de estabelecer um diálogo com os autores disponíveis acerca dessa temática, compreende-se que os temas trabalhados pelos desenhos animados – principalmente os que incluem super-heróis, como os escolhidos para este estudo – reproduzem temores – solidão, angústia, fracasso, perdas, morte – , bem como virtudes de autonomia, liberdade, independência, força e poder, segurança, amizade que, quando exageradamente aceitas pelas crianças podem se transformar em problemas psicológicos. Há que se considerar também as influências que os desenhos animados exercem sobre a constituição da imagem corporal das crianças – principal foco deste estudo –, incitando à valorização de estereótipos corporais em detrimento de outros e, conseqüentemente, veiculando a ideologia do corpo forte, belo, “perfeito”. Nesse caminho, considere-se imagem corporal conforme a definem Turtelli, Tavares e Duarte, (2002, p. 153): “como uma entidade em constante autoconstrução e autodestruição, em constante mudança, crescimento e desenvolvimento. Fazem parte dessa construção processos conscientes e inconscientes, (...) também nossas experiências, nossa memória”, a forma como nos vemos, como os outros nos vêem, como vemos os outros e como os outros se vêem. Por isso mesmo, entre os diversos aspectos que envolvem a infância na sociedade contemporânea, um dos que mais têm preocupado pais e educadores, nos últimos anos, diz respeito à produção cultural destinada às crianças, na qual merecem destaque os desenhos animados.

A indústria do consumo se apropria do fascínio, da fantasia e do mistério próprio das crianças, o que traz subjacente e, de forma transfigurada, a lógica da mercadoria nos desenhos animados, heróis e personagens veiculados na “telinha”, a fim de comercializar também o ideário de corpo perfeito e forte. É justamente neste ponto que emerge a noção de **estereotipia**, uma vez que “os estereótipos têm como função formar e orientar tanto a comunicação como os comportamentos” (BAPTISTA, 1996, p.4).

Como conseqüência direta, delineou-se uma certa padronização dos gostos das crianças, das suas preferências e necessidades, posto que assistiam às mesmas programações. “Sem conhecer as crianças reais, suas práticas culturais, seus contextos sociais, os autores de materiais infantis contribuem para a naturalização de estereótipos” (DIONÍSIO, 2006, p.8). Com isso, não é difícil supor que a compreensão que desenvolveram acerca do próprio corpo também fosse estereotipada, “uma vez que os estereótipos se formam frequentemente a partir de uma mistura distorcida de impressões inadequadas sobre os outros, percepções incompletas ou defeituosas, grandes generalizações que ignoram diferenças internas” (BAPTISTA, 1996, p.5). Nesse sentido, considera-se que os desenhos animados, através do diálogo que suas personagens exercem com os pequenos espectadores, influenciam diretamente na valorização e manutenção do ideal de beleza comercializado,

ressaltando o biótipo magro, forte e alto como sendo mais privilegiado em detrimento das outras possibilidades corporais.

A fim de perceber as implicações sócio-educativas que os desenhos animados e a estereotipia de corpos exercem sobre a infância dos anos 80-90, geração que constitui a fase adulta hodierna, foram considerados os seguintes desenhos animados: Popeye, Super-Amigos, A Caverna do Dragão, He-Man, She-Ra e Thundercats. A escolha desses desenhos se deu por terem sido verdadeiros ícones da época e porque ilustram bem a temática deste estudo, apresentando super-heróis como protagonistas, quase todos sempre “belos, fortes, musculosos, ágeis, vivos (...) corajosos, audaciosos (...) com espírito de iniciativa, tenazes, honestos, modestos” (FUSARI, 1985, p. 56).



**Figura 01: He-Man.**

Analisando um desenho de cada vez, pretende-se considerar as características físicas e morais das personagens. Iniciando, aleatoriamente, pelo He-Man, verifica-se forte apelo *fitness*: as personagens masculinas (incluindo os vilões) são todas muito fortes, com musculatura bem definida, e altas. Em maioria, a tez é branca, com cabelos claros, lisos e longos. Também as figuras femininas apresentam força peculiar, mas com uma graciosidade e doçura que lhes mantêm os traços de feminilidade. Seus corpos mantêm medidas consideradas perfeitas atualmente, com peitos e nádegas bem desenvolvidos e cintura reduzida – uma espécie de prenúncio da moda das lipoaspirações e enxertos de silicone, hábitos hoje tidos como comuns entre as mulheres. Tal pensamento é consonante com o de Nyuara Mesquita e Márton Soares (2008), ao assegurarem que “a informação televisiva veio acentuar os traços do hedonismo contemporâneo dos desejos individuais da cultura do corpo, do prazer, da ilimitada promoção da subjetividade.”

Cada episódio do He-Man apresenta um capítulo da eterna batalha entre o bem e o mal, procurando mostrar que o bem sempre vence: este é “o esquema ideológico sustentado pela sua estrutura narrativa” (MIRANDA, 1971, p. 41). Acontece que, durante as histórias, as personagens malvadas, que são tão fortes, hábeis e inteligentes quanto as bondosas, conseguem se sair muito bem de certas situações. E isso também é registrado pelas crianças!

De um modo ou de outro, mocinhos ou vilões do He-Man buscam ter corpos “sarados”, bem malhados e “turbinados” para conseguirem se manter no Reino de Etéria, onde, pelo visto, não há gordinhos, nem negros, nem baixinhos... Com este estereótipo veiculado, as crianças começavam a desejar que seus corpos fossem como os das personagens. Seria por esse motivo que as clínicas de estética hoje ficam tão cheias?!

Dando continuidade à discussão, e numa mesma perspectiva, surge o desenho da She-Ra, a versão feminina (e irmã que reside em Etérnia) do He-Man: alta, forte, loira, com enormes peitos, coxas e nádegas, longos cabelos e brilhantes olhos azuis, o que ratifica a existência de uma “forte tendência cultural em considerar a magreza como uma situação ideal de aceitação social para mulheres. Encontram-se, também, fortes correlações entre a pressão social de ser magro e a insatisfação corporal em mulheres adultas jovens.” (DAMASCENO, LIMA, VIANNA,

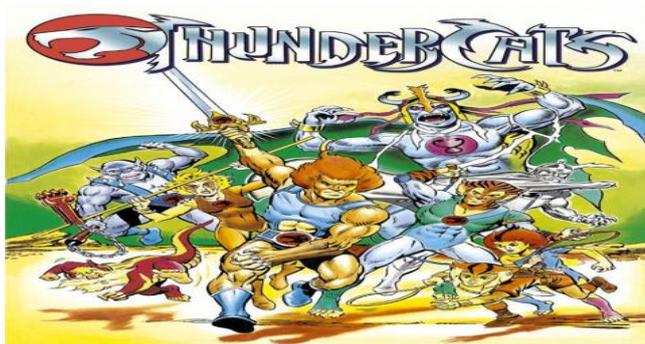
VIANNA e NOVAES, 2005, p. 181). Tanto os comparsas da She-Ra quanto os seus oponentes mantêm as mesmas características que o desenho do irmão príncipe de Greyskull.



**Figura 02: She-Ra.**

Nesse desenho, além do estereótipo do “corpo belo e perfeito”, verifica-se também a questão do gênero: embora tão poderosa quanto o irmão, ao trabalharem juntos numa empreitada, a força masculina sempre prevalece e quem leva os louros da vitória da batalha é geralmente o He-Man. A She-Ra só fica com as glórias e elogios quando age sem ele, sozinha. Essa atitude revela a intencionalidade da manutenção de uma sociedade machista e arbitrária que persiste em acreditar que a mulher deve ser submissa, embora forte e poderosa. Sem contar que, em She-Ra há forte incidência da coloração rósea, em diferentes nuances e tonalidades. Numa tentativa de atrair as meninas que muitas vezes não assistiam ao He-Man (“desenho de menino”), criou-se a versão cor-de-rosa daquele desenho e, assim, com histórias praticamente idênticas, agregavam meninos e meninas diante da TV para que certas mensagens fossem difundidas.

Tratando-se de atividades para criança, criatividade e inovação são qualidades indispensáveis. Os desenhos animados não fogem à regra. Portanto, quando o He-Man e a She-Ra já não mais atraíam tanto devido às repetitivas temáticas e histórias, houve a necessidade da criação de novas personagens – como é comum a qualquer setor da sociedade. E então surgem os Thundercats: figuras felinas, com composição corporal humana, extremamente poderosas, e com diferentes qualidades físicas: agilidade, velocidade, força, flexibilidade... Mais uma vez a figura do vilão também apresenta força e perspicácia, da mesma forma que os heróis.



**Figura 03: Thundercats.**

Os Thundercats, além de ratificarem o ideal de bondade que nortearia as condutas das crianças espectadoras, corroboraram a concepção do padrão de beleza vendido nos meios de comunicação de massa: corpos magros, torneados e musculosos. Mais uma vez não se verificam personagens negras. Há agora uma personagem gordinha, o Snarf, que é constantemente ironizado, para não dizer ridicularizado pelo grupo, por essa característica corporal. Muitas vezes suas opiniões são desconsideradas, como se a inteligência estivesse

atrelada ao condicionamento físico. Não são poucos os episódios em que, inclusive, ele é deixado de lado nas aventuras dos demais Thundercats, que chegam a demonstrar má vontade ou desinteresse em ficarem com ele ou conduzirem aos lugares das lutas. Isto se reflete e muito nas brincadeiras infantis quando os colegas gordinhos são esquecidos ou ignorados, ou mesmo escolhidos por último, quando não há mais outro jeito.

Em se tratando do desenho “A Caverna do Dragão”, há que se ressaltar a presença de uma personagem feminina guerreira negra. Embora apresente caracteres de sua ancestralidade tribal, como vestimentas e cabelos crespos, a personagem também realça os traços estereotipados de beleza: esguia, magra, de peitos e nádegas avantajados, barriga enxuta e cinturinha fina, tal qual mantinham as moçoilas européias com seus espartilhos sufocantes em outras épocas e que, atualmente, configura – logicamente que por outros meios, métodos e tecnologias – o padrão de beleza feminina comercializado nas passarelas do mundo inteiro.



**Figura 04: A Caverna do Dragão.**

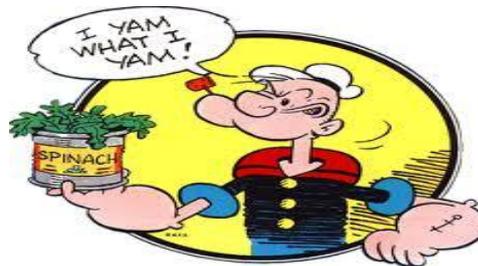
Este desenho também incluía uma personagem infantil, um menino de mais ou menos dez anos de idade, guerreiro, forte, musculoso, loiro. Esta era uma tentativa de atrair ainda mais o público infantil para aquele estereótipo, pois, de acordo com o desenho, também as crianças podem ter corpos “sarados”. Entretanto, a Educação Física tal qual é estudada hoje defende que para todo ser humano, mas principalmente para as crianças, corpos belos e perfeitos são os corpos saudáveis, não os modelados artificialmente. É lógico que, àquela personagem (o Bob), era preciso desenvolver habilidades físicas que garantissem sua defesa e sobrevivência naquele ambiente tão adverso e hostil. A questão é que os espectadores mirins nem sempre entendem isso, e acabam por acreditar que precisam ter aquelas mesmas habilidades para se firmarem enquanto pessoas importantes nos grupos de que fazem parte.

Outro desenho que merece especial menção é o Super-Amigos (ou “Liga da Justiça”, como é também conhecido). Com inúmeras e bem diferentes personagens, este desenho mantém características bem comuns: todas são poderosas; possuem habilidades físicas e mágicas; são do bem, mesmo quando para isso precisam agir de forma bruta; e, claro, são sempre magras, altas, fortes, musculosas, inteligentes e brancas. Nesse desenho também se evidenciava uma ideologia machista, pois apenas uma mulher apresentava poderes especiais: a Mulher Maravilha; todas as demais figuras eram masculinas. “Os super-amigos, desenho que reúne vários heróis, também mostra a ciência ao lado do bem, sendo utilizada para salvar o planeta de malfeitores terráqueos e alienígenas, como instrumento de apoio dos heróis americanos” (SIQUEIRA, 1998, p. 118).



**Figura 05: Super-Amigos.**

Por fim, discute-se aqui sobre o Popeye e sua turma. Aparentemente, poder-se-ia dizer que as personagens desse desenho não traduzem o estereótipo dos heróis dos outros desenhos citados. Neste, aparecem gordinhos (Brutus e Dudu), personagens esqueléticas, magricelas em excesso (Olívia e Bruxa do Mar), idosos (Vovô Popeye e Bruxa do Mar), além do próprio Popeye, um marinheiro desajeitado, desengonçado, careca, fumante, despojado, que em nada se assemelha com as figuras masculinas protagonistas (heróicas) dos demais desenhos.



**Figura 06: Popeye.**

Entretanto, ao consumir seu famoso espinafre – uma sutil incitação ao consumo de artifícios (esteróides anabolizantes, estimulantes, entorpecentes) muito mais que ao consumo de vegetais, o Popeye se transforma numa figura forte, musculosa e até de maior estatura do que costumeiramente. Portanto, também nessa atração a estereotipia de corpos acontece. E da mesma forma que nas demais, a mensagem veiculada é assimilada pelas crianças que as assistem e imitada em sua vida cotidiana. Por conta disso, acredita-se que a geração adulta de hoje, que vivera sua infância durante os anos 80-90 sob a influência direta e constante desses e outros desenhos animados, valorize tanto o ideal de beleza das passarelas de moda e do mundo fantástico das celebridades da TV, e queira imitá-las em procedimentos estéticos que nem sempre tenham a ver com seu biótipo físico, prejudicando a própria saúde, nem tampouco com sua realidade sócio-econômica, iludindo-se através de disfarces que negam seu verdadeiro eu em detrimento de alguns “quinze minutos de fama”. Renata Russo (2005, p. 82), acerca disso, atesta que “o desejo de obter uma tensão máxima da pele, tendo amor ao liso, ao esbelto, ao jovem, induz os indivíduos a não aceitarem sua própria imagem, querendo modificá-la, conforme os padrões exigidos”.

A partir do que fora exposto até aqui, este estudo destaca a ideia de que, de alguma forma, aquela geração de crianças dos anos 80-90, espectadora assídua dos referidos desenhos animados, tenha sofrido alguma influência para que mantenha hoje hábitos que a direcionam à imitação das personagens a que tanto assistiam, principalmente no que se refere a sua imagem corporal. A supervalorização do corpo dos heróis do passado parece estar se materializando no presente, pois essa geração agora adulta nunca tinha visto tantos espaços de beleza e clínicas de estética quanto hoje.

Ademais, até então não se faziam tantas cirurgias plásticas sem prescrição médica, meramente estética, e nem existia tanta academia para modelar os músculos. Os enxertos de silicone, também, hoje são extremamente comuns e cada vez mais precoces, resultando na mudança da imagem corporal dos indivíduos: logicamente, isto não se deve apenas à referida influência dos desenhos animados, como também às mudanças estéticas propostas pela moda, pela mídia, e até mesmo pelas alterações comportamentais dos indivíduos em relação ao

conceito de saúde. Entretanto, não se pode negar que os desenhos animados implicaram sim – e ainda implicam – a formação da personalidade das crianças que os assistiam, exaltando certos estereótipos em detrimento da diversidade, anulando assim, de certa forma, as subjetividades e, conseqüentemente, influenciando de forma direta a compreensão que as crianças formulam acerca da sua imagem corporal, isto é, do seu corpo e dos demais corpos com quem convivem. Ao imitarem as personagens, seus gestos, linguagens, movimentos e figurinos, as crianças acabam por ratificarem a estereotipia de corpos que é tão veiculada socialmente, e passam a estabelecer preconceitos com o que não se enquadra naquele panorama, passando, inclusive, a desejarem aquele formato como sendo o único passível de ser considerado belo e feliz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e Representação Social** – uma abordagem psico-sociológica. Coimbra, 1996. Disponível em: <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia>. Acesso em: 10/03/09.

DAMASCENO, Vinicius Oliveira; LIMA, Jorge Roberto Perrout; VIANNA, Jeferson Macedo; VIANNA, Viviane Ribeiro Ávila; e NOVAES, Jefferson Silva. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. **Rev Bras Med Esporte** – Vol. 11, Nº 3 – Mai/Jun, 2005. p. 180-6.

DIONÍSIO, Ana Carolina. O Imaginário Infantil e as Mídias: um estudo das representações de gênero em websites de entretenimento para crianças. **Iniciacom**, São Paulo, Vol. 1, No 1, 2006, p. 1-10.

FUSARI, M<sup>a</sup> Felisminda de Rezende e. **O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão**. São Paulo: Loyola, 1985.

MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa. Visões de ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. **Ciênc. educ.** vol.14 no.3, Bauru, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/> Acesso em: 10/02/2009.

MIRANDA, Carlos Alberto. **Cinema de Animação: arte nova/arte livre**. Petrópolis: Vozes, 1971.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005, p. 80-90.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. CIÊNCIA E PODER NO UNIVERSO SIMBÓLICO DO DESENHO ANIMADO. **Ciência e Público**. p.108-120, 1998. Disponível em: [www.casadaciencia.ufrj.br/](http://www.casadaciencia.ufrj.br/) Acesso em: 03/03/2009.

TURTELLI, Larissa Sato; TAVARES, M<sup>a</sup> da Consolação Gomes Cunha Fernandes; DUARTE, Edison. Caminhos da pesquisa em imagem corporal na sua relação com o movimento. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 151-166, set. 2002

CARLA BORGES DE ANDRADE

JULIANO DOS SANTOS.

RUA CASIMIRO DE ABREU, 270, CIDADE NOVA, FEIRA DE SANTANA – BA. CEP: 44053-200 (75)8837-0152 / (75)8101-1108 [carlabajs@hotmail.com](mailto:carlabajs@hotmail.com)